



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

MÔNICA FARIAS DE VASCONCELOS OLIVEIRA

MULHER E DEMÔNIO: MISOGINIA NAS NARRATIVAS
EXEMPLARES MEDIEVAIS DO *ORTO DO ESPOSO*

CAMPINA GRANDE - PB

2018

MÔNICA FARIAS DE VASCONCELOS OLIVEIRA

**MULHER E DEMÔNIO: MISOGINIA NAS NARRATIVAS
EXEMPLARES MEDIEVAIS DO *ORTO DO ESPOSO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão.

CAMPINA GRANDE - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48m Oliveira, Monica Farias de Vasconcelos.
Mulher e demônio [manuscrito] : misoginia nas narrativas exemplares medievais do Orto do esposo / Monica Farias de Vasconcelos Oliveira. - 2018.
40 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Análise literária. 2. Mulher - Representação. 3. Demonização. I. Título
21. ed. CDD 801.85

MÔNICA FARIAS DE VASCONCELOS OLIVEIRA

MULHER E DEMÔNIO: MISOGINIA NAS NARRATIVAS EXEMPLARES
MEDIEVAIS DO *ORTO DO ESPOSO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão.

Aprovada em: 04/12/2018.

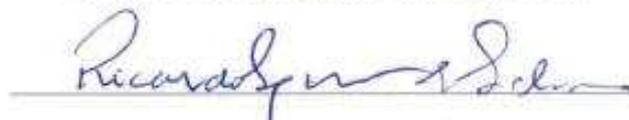
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão - (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

MULHER E DEMÔNIO: MISOGINIA NAS NARRATIVAS EXEMPLARES
MEDIEVAIS DO *ORTO DO ESPOSO*

A Deus, meu Redentor, meu escudo fiel! A meu pai Agnelo Elias de Vasconcelos; a meu cunhado Noaldemir; e à minha irmã Rosana M^a. Vasconcelos Lima, minha Lady Rô, minha eterna saudade. *In memoriam.*

DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por sempre ter estado comigo, me encorajando a vencer todos os desafios impostos e todas as dificuldades encontradas ao longo da minha jornada acadêmica. À minha família, que de maneira geral, tem me apoiado em todos os momentos; À minha mãe, Odete Farias de Vasconcelos, que sempre apostou no meu sucesso e acreditou no meu potencial; a meus filhos Fernando Kildare e Monise, e meus netos Nicolas, Enzo e Heitor, por tanta doçura e afeto, e por se tornarem a força que eu precisava para prosseguir; às minhas queridas irmãs Rívea e Rosângela e à Joselito, minhas colunas, que me fortaleceram nos momentos difíceis, sempre me apoiando e torcendo pelo meu sucesso; às irmãs de coração, Layne e Simone, obrigada por toda a atenção. A meu sobrinho-irmão Rafael, pelo socorro pronto, nas minhas queixas com o meu computador, nos momentos em que mais precisei; à minha amiga Wyara, obrigada pela força. A Francisco, meu passado, meu presente e meu futuro, obrigada por todo o cuidado e compreensão e por se tornar parte de meu maior sonho. À minhas queridas amigas: Aparecida, e Leonilsa, Geane e ao amigo Hamilton, pelo companheirismo, confiança e parceria, que se estenderam até hoje, e por me proporcionarem momentos de amizade e cumplicidade, atrelados a muito esforço e dedicação; ao Bp. Tony e Pra. Cíntia, ao Ministério Cristã Viva e meus irmãos em Cristo; Ao Pr. Pedrinho e Leocília, obrigada pelas orações, pelo ombro amigo. À minha amiga Gerlândia; às minhas colegas da Escola N. Sra. Das Graças, especialmente à tia Rita, obrigada pela confiança e carinho. À coordenação de Letras Português, especialmente à Professora Iara e à Célia, por toda atenção dispensada. Ao Departamento de Letras, em especial à Professora Dalva, que de igual modo, me auxiliou nos momentos cruciais. A Wellington e Wesley Porto, por terem sido o meu “Porto” Seguro, na aquisição de meus materiais, sempre prontos a ajudar, transmitindo para nós toda alegria e amor pelo que fazem, e, sobretudo, com muita paciência e profissionalismo. Meu muito obrigada! Aos professores, que se tornaram um referencial para mim: Aos mestres, com carinho! Obrigada pelo respeito e pelas cobranças, sem as quais eu não teria aprendido. Aos professores que compõem a Banca Examinadora: Eli Brandão da Silva e Ricardo Soares da Silva, toda gratidão por terem aceitado o convite, e por fazerem parte dessa história. E principalmente, ao meu orientador o Professor Rinaldo José de Andrade Brandão, meu eterno *Magister!* Obrigada por toda atenção, pela disposição, e pela dedicação imensurável, que foi a força motriz que me impulsionou a chegar até aqui, sem a qual, eu não teria conseguido. E resumindo, no bom e velho amigo Latim: *Diligo quod facere cum omnibus LITTERAS!* (amo o que faço com todas as LETRAS!). *Gratias ago!*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Capítulo 1: Doutrinação como justificativa e convencimento.....	9
Capítulo 2: A configuração da mulher como agente corruptor ou como demônio	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

Mulher e demônio: misoginia nas narrativas exemplares medievais do *Orto do Esposo*

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo a análise da representação da mulher nas narrativas exemplares do *Orto do Esposo*, como parte de um construto ideológico medieval, que associa o demônio ao feminino. Tal processo de demonização da mulher possui um vínculo inequívoco com a primeira delas, a Eva, culpada pelo castigo imposto à humanidade. A análise perpassa, portanto, a exegese bíblica, a partir do Gênesis, incluído textos apócrifos sobre Lilith, seguindo os pressupostos de KOLTUV (1986). Aborda as discussões acerca do papel da mulher como procriadora, entendido como sua função social primordial, condicionando assim a existência da mulher unicamente ao processo de reprodução da espécie e ao trabalho doméstico, delimitando, portanto, os papéis de gênero. Busca ainda analisar a retórica de convencimento e doutrinação contida no texto, a fim de persuadir o leitor e validar os argumentos do narrador. Como suporte teórico, utilizou-se as ideias dos seguintes autores: Carlo Ginzburg (1987), Agostinho de Hipona (2017), Selene Ribeiro Kepler (1994), Bárbara Black Koltuv (1986).

Palavras-chave: Mulher – demonização – questões de gênero

INTRODUÇÃO

O *Orto do Esposo* é uma obra de caráter religioso, escrita em português arcaico por um monge anônimo do Mosteiro de Alcobaça, entre os séculos XIV e XV, de grande circulação nas instituições eclesásticas do período. Expressa a espiritualidade e o pensamento medieval como um todo, particularmente a ideologia cristã ibérica, a saber: a renúncia aos bens materiais e aos desejos carnis, condição para que o homem comum, e principalmente o religioso, alcance a salvação para a vida eterna. Possui um forte caráter místico e, ao mesmo tempo, doutrinário.

A proposta do presente trabalho é analisar a representação da figura feminina no texto medieval *Orto do Esposo*, estabelecendo parâmetros descritivos da mulher a partir das narrativas exemplares¹, textos que demonstram, através de um recorte narrativo do cotidiano, os valores morais (a pobreza, a castidade, a obediência, o respeito pela hierarquia, a

¹ *Exemplum* (ou coleção de *exempla* ou *exemplário*). Sua denominação provém da palavra latina para *exemplo*. Seu desenvolvimento se deu principalmente nos meios monásticos entre os séculos XI e XII. No século XIII seu uso se tornou unânime entre os professores, oradores, moralistas, místicos e predicadores, que se utilizavam de relatos para dinamizar sua fala; ilustrando, por meio de parábolas, fábulas, lendas, anedotas, entre outros textos, a fim de que suas ideias fossem bem entendidas..

abstinência e a temperança); a formação do indivíduo e a pedagogia social, que aparecem veiculados em forma de exortação ou por meio de *exempla* ou narrativas exemplares, de fundo religioso e moral.

Essa subalternização da figura feminina reporta a tempos remotos da história da humanidade. No período denominado *Antiguidade Clássica*, alguns povos constituíam suas sociedades guerreiras e comerciais de modo patriarcal, nas quais os homens possuíam o domínio total sobre a vida de seus familiares, incluindo as mulheres, as crianças e os criados. Desta forma, as mulheres foram perdendo espaço na sociedade, submetendo-se a uma condição de inferioridade em relação aos homens.

Da referida obra, sobrevivem dois manuscritos, provenientes da biblioteca do Mosteiro de Alcobaça, e um manuscrito incompleto, da biblioteca do Mosteiro de Lorvão. Acredita-se, ainda, que o rei D. Duarte² abrigou a obra em sua livraria pessoal.

O texto, de autoria anônima, foi estabelecido em edição crítica, através de ampla pesquisa filológica, por Bertil Maller (quem substanciou a obra) e publicada, pela primeira vez, em 1956.

A imagem feminina nos textos do medievo adquire caráter depreciativo. A mulher é comparada a figuras demoníacas. Por seu caráter corruptor, representa a destruição do homem, uma vez que age de maneira a perturbar a estabilidade moral ou espiritual dele, por ser sedutora, audaz, perversa, maligna, astuta. A obra mantém intertextualidade com a *Bíblia* e com alguns textos filosóficos dos chamados “pais da igreja”, a exemplo de Santo Agostinho, nos quais as mulheres são representadas com essas prerrogativas.

Havia uma razão especial para destacar a ausência de virtudes e o excesso de defeitos na índole feminina: a doutrina cristã medieval prezava pela castidade dos jovens seminaristas e para tanto, necessitava de um discurso de convencimento, a fim de obter domínio ou controle quanto aos desejos carnis. Assim, toda a retórica de persuasão se construía dentro de uma misoginia explícita, ou seja, com argumentos de aversão e ódio à figura feminina.

A edição crítica de Maler é composta por dois volumes. No segundo, encontra-se um estudo do manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, com explicação de fontes, língua do

² Duarte I (1391 - 1438), "o Eloquent" e "o Rei-Filósofo", foi o Rei de Portugal e Algarve em 1433. Filho segundo do rei João I e da rainha Filipa de Lencastre, tornou-se o herdeiro da Coroa portuguesa por ocasião da morte de seu irmão mais velho, D. Afonso.

documento, os princípios em que se assentam a edição, glossário e índice. No primeiro volume, mais extenso, com 358 páginas, encontra-se o texto propriamente dito, com notas de rodapé apontando as versões destoantes dos manuscritos e opção adotada na edição crítica.

A obra divide-se em quatro livros. O *Livro I* traz um prólogo que apresenta o seu propósito. Do primeiro ao quinto capítulo, o autor se detém ao propósito de exaltar o nome de Jesus Cristo. Toda obra deve começar pela invocação do Nome de Jesus: é manjar e remédio para a alma; é novidade maravilhosa; da sua grandeza e poderio; da força do Nome de Jesus.

O *Livro II*, por sua vez, após um breve prólogo, faz menção ao “*Parayso Terreal*” (Paraíso na Terra), o Jardim do Éden, cenário da criação do Todo Poderoso. A partir deste capítulo, o autor separa em temáticas, quanto à composição física do Orto da Santa Escritura.

O *Livro III*, composto por XV capítulos, nos traz uma reflexão sobre o valor da Palavra de Deus, como preceito para uma vida pura, além de assuntos que remetem à Sagrada Escritura; sobre o edifício da igreja e sobre Jesus Cristo. Traz exemplos sobre a Palavra Divina; sobre como o homem deve utilizar o Livro Sagrado; e sobre os segredos divinos contidos na Santa Escritura.

O *Livro IV* aborda as dificuldades que o homem encontra no casamento, sobretudo referente aos que têm família numerosa; acerca dos desejos carnis e paixões mundanas; sobre o quanto é gratificante viver sozinho, gozando da companhia de Deus; e sobre a certeza da morte.

As temáticas elencadas em cada *Livro* configuram um tipo de teoria doutrinária, cujo objetivo é convencer e persuadir o leitor cristão, particularmente monges e clérigos dos mosteiros portugueses, dos preceitos contidos nas mensagens, atrelados aos versículos da Escritura Sagrada, instrumentos capazes de transformar vidas, de converter corações e mudar comportamentos.

Debruçando-se mais especificamente no *Livro IV*, percebe-se que este detém-se nas temáticas acerca dos males vindos por meio dos deleites do corpo e da companhia das mulheres, tendo em vista a necessidade de compreender como a configuração dessas temáticas poderiam influenciar numa vida de castidade e pudor, exigida aos que desejavam oferecer sua vida ao serviço do Reino de Deus.

A partir dessas temáticas, busca-se compreender a função da figura feminina na obra, em concordância com outros autores e outras obras, os quais servirão de subsídios para reforçar tais argumentos.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos: O primeiro capítulo discorre sobre a “doutrinação como justificativa e convencimento”, em que os textos bíblicos são explorados e observados dentro das temáticas apresentadas. O segundo capítulo revela como se dá “a configuração da mulher como agente corruptor ou como demônio”.

Capítulo 1: Doutrinação como justificativa e convencimento

No *Orto do Esposo*, o narrador se apropria da imagem de Jesus Cristo como modelo de virtude e exortação, para expor seus argumentos e construir sua retórica de persuasão. Dado o fato do público alvo se centrar no clero, o narrador se apoia em trechos bíblicos. E como recurso de convencimento, utiliza-se de narrativas exemplares e demais textos, para reforçar seu diálogo com o leitor e fazer-se compreendido em seu discurso. Do primeiro ao quinto capítulo do *Livro I*, o narrador se detém ao propósito de exaltar honrar o nome de Jesus Cristo:

Aqui se começa o livro que se chama Orto do Esposo, o qual conpos aa hõrra e louvor de nosso Senhor Jhesu Christo, flor muy preciosa e fruyto muy doce de todalas almas devotas e da beëta Virgem das virgeens, Maria, rosa singular e stremada da ceestrial deleytaçõ e de toda a corte da cidade de Jherusalem que he ãa gloria do Parayso.

Percebe-se que, ao exaltar o nome de Jesus, o narrador busca trazer ao leitor toda uma reverência à Pessoa de Cristo, como o Ser Supremo, a Verdade Absoluta, a razão pela qual escreve o *Livro*. Dessa forma, o leitor sente o peso da seriedade que lhe é imposta para a leitura dos textos que se seguem.

O narrador atenta para o cuidado em guardar e praticar a Palavra da Verdade. No *Livro II*, após um breve prólogo, o narrador faz menção ao “*Parayso Terreal*”, o Jardim do Éden, cenário da criação do Todo Poderoso:

A Sancta Escripura he tal como ho horto do parayso terreal, porque ella he muy fremosamête apostada cõ maravilhosos enxertos e muy graciosamête afeytada com muy graciosas plantas, e he aprovada muy conpridamête cõ especias de muy booo odor e cõ flores muy resplandecentes he muy deleitosamête cheyrada.

Ela (A Palavra) possui frutos delicados e é brandamente regada: *“E cõ fructos muy dilicados he muy avõdosamête deleytosa e cõ muy temperados orvalhos he muy blandamête regada e he muy saudavelmête abalada cõ ventos muy mansos de grande temperança”*;

É guardada com segurança e governada com grande guarda: *“E cõ muy deleitossos cantares d’aves he muy docemente resoada e com muy linpos ryos he muy abastossamente circũdada, e cõ muy fortes sebes he muy seguramête guardada, e cõ guardadores muy previstos he com grande vigilya governada;”*

E por isso é comparada ao horto do Jardim do Éden: *“E, porque ãno parayso terreal ha estas cousas, porẽ he cõparada e semelhante a Sancta Escripura ao orto do parayso terreal;”*

E destaca que é danoso ao homem aprender fora da Santa Escritura: *“qualquer cousa que o homẽ aprender fora da Sancta Escripura, se cousa he danossa que empeeça, aly achará per que seja condẽnada, e sse cousa he proveytosa ãna Sancta Escripura a achará; Porque a Santa Escripura é mais excelente que toda a ciẽncia: “E assy como a Sancta Escripura he mais excellente e mais nobre que toda outra sciencia, bem assy todo aquel que em ella ouver de estudar e per ella leer, deve seer mais perfectõ que os que leem e estudam pellas outras sciencias”*. E por isso todos deveriam estudar e aprender com ela:

E porem todos deviã estudar e aprender-sse a ella. E diz outrosy que nõ ha hi leteras que sejam comparadas aos dous preceptos do Senhor Deus [...]. Onde ella meesma diz per Salamõ a todos: “Ouvyde-me, ca eu falarey de grandes cousas e os meus beyços seerãm abertos pera preeguar cousas dereytas e o meu paadar pensará verdade”.

A Sagrada Escripura deve ser estudada, a fim de que o homem alcance as coisas mais altas: *“E primeyro deve leer e estudar ãnas cousas mais ligeyras e entendê-llas, pera chegar depois aas cousas mays altas”*.

Todas essas reflexões quanto à Sagrada Escripura, assim como ao Nome de Jesus, convidam o leitor a temê-la e a considerá-la como A Única Verdade.

Quanto ao título da obra, o monge anônimo explica o porquê dessa denominação: *“E puge nome a este livro Orto do Esposo, scilicet, Jhesu Christo, que he esposõ de toda fiel alma.”* (MALLER, 1956, p. 1). O Orto é o Jardim e Jesus Cristo é o Esposo da toda fiel alma. Ou seja, daqueles que forem fieis à sua Palavra e que não se desviaram de seus caminhos.

No prólogo (Capítulo dois), o narrador confirma essa aliança: “*E porem Jhesu Christo he sposo e a alma fiel he esposa*”. (MALLER, 1956, p. 89). E completa seu argumento explicando como se dá esse casamento:

Mas as virgeës sabedores tomã lanpadas cõ olio acesas e, viïdo o esposo Jhesu Christo, entrarõ cõ elle ênas vodas antre as quaaes cada hũa alma fiel deve-se aparalhar cõ grande cuydado pera sse cassar cõ Jhesu Christo, muy doce sposo, legando-se cõ el per tal guisa que nũa se parte del, leixando os cuydados do mûdo. E casa-sse enteyramête cõ o ffilho de Deus que cõ grande amor e caridade que ouve de relevar a nossa mezquindade, sposou cõsigo a nossa natureza.

O texto refere-se à parábola das dez virgens, segundo Mateus (25,1-13). Ocasão em que somente as virgens prudentes puderam entrar às Bodas do Cordeiro. Essa é a promessa do Noivo (Jesus) para com sua noiva: Que um dia o próprio Jesus virá buscar o seu povo, e juntos serão um só corpo e um só espírito. Mas somente aos fieis e vigilantes essas coisas estão reservadas.

Esse matrimônio é entre a carne (a natureza humana) e o espírito. Conforme exposto no Prólogo do Livro IV:

A primeyra maneyra de vodas e de casamêto he antre a carne hũanal e o Spiritu. E he antre elles naturalmête tanta amyzada e tam grande legamêto, que nõ queriã per nehũa razom partiren-sse huũ do outro. E se algũa vez o Spiritu se queria partir da carne, asy como dizia Sam Paulo: “Eu cobiiço morrer pera seer cõ Jhesu Christo”, logo a carne lhe contradiz. Em este casamêto da alma jũta cõ o corpo ha muyta mezquindade e muyta amargura ã muytas guisas ã quanto vivem jũtamête em esta presente vida.

No segundo prólogo, o narrador reconhece a grandeza de Deus, ao dar o seu único filho (Jesus Cristo) por Esposo a uma noiva (a humanidade) que, por conta do pecado, estava desprovida da graça de Deus:

Beendo o Senhor Deus, Padre das misericordias e Deus de toda cõsolaçõ, como o homẽ era cego e dessenparado de toda graça revellou e demostrou-lhe o seu verbo proprio segũdo que he o seu filho, que he fonte de sabedoria devinal e deu-o por sposo aa natureza hũanal. E casou-o cõ ella e fez vodas antre Deus êcarnado e a criatura razoavel que forõ feitas êno vêtre da Virgem asy como em taanbo.

O texto faz referência à Epístola de Paulo aos Romanos (23-24): “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”.

Ainda no seu prólogo, o narrador destaca a importância do livro, afirmando ser: “*pera proveito e spiritual dilectaçom de todolos simplezes, fiees de Jesu Cristo*”. (MALLER, 1956,

p. 1). Tais ensinamentos se introduziriam de maneira eficaz, no processo de preparação para aqueles jovens no exercício ao serviço do Reino de Deus.

O narrador cita alguns nomes, como o de Sansão, Davi, Salomão e Adão, como pode se observar nos trechos a seguir: “*tu nõ es mais forte que Samsam, nõ mais santo que David nõ pode mais sabedor que Salamõ. [...]A femea ãganou Adam e Samsom e rey David e Salamõ*”. (MALLER, 1956, p. 307). A expressão “*femea*” faz referência a Eva, a Dalila e as mulheres do rei Salomão. Aliás, o nome de Salomão é citado em inúmeros trechos da obra, devido a seu contato com inúmeras mulheres e pela larga experiência a respeito desse assunto. Em seus livros: Cantares, Eclesiastes e Provérbios, o rei de Israel faz menção às mulheres por diversas vezes.

O narrador se apropria desses versículos para construir sua retórica de aversão à mulher. A lei do celibato precisaria ser preservada, e, para tanto, a necessidade de um discipulado tornava-se urgente.

No capítulo III do *Livro II*, o narrador compara as muitas plantações formosas que há no Orto do paraíso terreal a duas plantações importantes que há na Sagrada Escritura: “A igreja militante e a igreja triunfante”. (MALLER, 1956, p. 18). O narrador dá sequência à sua retórica apresentando mais um *exemplum*, que consiste em uma visão de um monge, que narrou a seguinte história:

Eu vi este outro dia hũa dona muy fremozza em seu rostro, muy bem apostada cõ ouro e com pedras preciosas, e eu estava espantado, maravilhando-me da sua fremusura e do seu apostamêto. E ella me disse: Quẽ som eu? Eu respondi-lhe: Parece que sodes a Uirgem Maria. E ella me disse: Para mentes aas minhas costas. E eu parey mentes aas costas dela e vi-a podre cõ myitos vermẽs. E ella me disse: Agora podes entender que nõ sãõ eu a gloriosa Uirgem Maria, cá eu nõ som a Uirgem Maria, mas som a egreya, que ãno primeyro estado foy muy sancta ãnos apóstolos e ãnos marteres e ãnos cõfessores e virgẽs, e porem soo[m] asy fremosa ãna parte deanteyra e asy apostada. Mais agora, ã este tempo derredeyro, soom ãçuyada e fea e corrupta e chea de desonrrapellos maaos prelados, e porẽ pareço asy podre da parte de tras [...]. (MALLER, 1956, p.18)

Nessa exemplificação, o narrador discursa acerca da igreja militante (que é a que lida e trabalha nesta vida), e da igreja triunfante (que é a vitoriosa, que venceu as batalhas do diabo, da carne e do mundo, e reina em paz e com vitória no paraíso). Mas a igreja militante ainda trabalha e padece nesta vida e é misturada com os muitos maus filhos do diabo, que a faz feia e minguada, assim como essa exemplificação.

A figura de uma mulher muito formosa reforça a questão da aparência, que muitas vezes é tão valorizada pelo ser humano. Nesse contexto, mostra-nos claramente que “nem tudo o que reluz é ouro”. Essa representação se relaciona com a temática exposta no *Livro de Lilith*, no qual a figura feminina, de tão bela, seduz, atrai e ilude o homem de tal maneira, isso para a sua própria perdição e ruína.

A podridão mencionada no trecho: “*Mais agora, ã este tempo derredeyro, soom ãçuyada e fea e corrupta e chea de desonrrapellos maaos preladados, e porã pareço asy podre da parte de tras*”. (MALLER, 1956, p.18), está em consonância com o versículo bíblico escrito por Mateus (23:17): “Mas ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas! Pois são semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos mortos e de toda a imundícia”.

Observando ainda na narrativa: “*e vi-a podre cõ myitos vermẽs*”, leva-nos a refletir como o pecado “apodrece” nossa alma e gera em nós “muitos vermes”, que nos “sugam a vida”. Em *O queijo e os vermes* (GINZBURG, 1987), o autor retrata o cotidiano e as idéias de Domenico Scandella (Menocchio), um moleiro perseguido pela Inquisição, que teve sua voz abafada e suas ideias reprimidas pela Igreja Católica Romana. O autor levanta questões que a Inquisição considerava absurdas, em detrimento à Sagrada Escritura.

Para o moleiro, “o mundo surgiu da putrefação” (GINZBURG, 1987, p. 11). Essa foi uma das principais causas das perseguições sofridas por Domenico. No entanto, outras ideias do personagem também aguçaram a ira do clero. Além disso, Menocchio ainda atacou a doutrina, afirmando que não acreditava “que o Espírito Santo governasse a Igreja”. (GINZBURG, 1987, p. 41).

Muitos alertavam Menocchio a respeito de suas heresias, mas o moleiro não lhes dava ouvidos. Em seu primeiro interrogatório, confirma que “Cristo havia sido um homem como os demais” [...] e “Maria era chamada de virgem porque estivera no templo das virgens”. (GINZBURG, 1987, p. 73-74).

Ginzburg (1987, p. 90) justifica tal comentário:

O que fez Menocchio ater-se justamente a essa página do Rosário talvez tenha sido o fato de ter visto tantas vezes as cenas de Maria no templo e de Jose com os pretendentes, representadas nos afrescos pintados em 1556 por Calderari, um discípulo de Pondenone, nas paredes da igreja de San Rocco de Montereale. [...] No texto, a aparição dos anjos isolava Maria das companheiras, conferindo-lhe uma aura

sobrenatural. Para Menocchio o elemento decisivo era, ao contrário, a presença das “outras virgens”, que lhe servia para explicar da forma mais simples o epíteto atribuído tanto à Maria como as outras companheiras. Desse modo, um detalhe acabava se tornando o centro do discurso, alterando, assim, todo o seu sentido.

A Santa Inquisição sentiu-se ofendida, o que resultou na prisão do intrépido moleiro.

As ideias de Menocchio irritavam o clero, que as considerava heréticas. Mas ao mesmo tempo, a própria Igreja usava de discurso misógino para doutrinar seus seguidores. Como se Maria não fosse mulher também. Se ao moleiro era cobrada devida reverência à Maria, por que a Igreja diminuía o valor da mulher, sendo Maria uma delas, embora santa?

Quanto à limitação humana, observa-se a análise que Auerbach (1994) faz à antropologia cristã medieval, da qual originou-se o realismo criatural.

Nessa concepção, “os heróis não são perfeitos”. (AUERBACH, 1994, p. 225). Para o autor, quanto à caracterização das personagens, estas “são meramente ‘criaturais’, isto é, não são, de forma alguma, carentes de vivacidade, antes, pelo contrário, são bem autênticas, mas sem qualquer individualização”. (AUERBACH, 1994, p. 227).

No mundo criatural, o sofrimento é uma realidade na qual o homem deve experimentar. O martírio se faz necessário para a purificação da alma. É por meio deste que o homem obtém a redenção. Um dos exemplos mais conhecidos são os santos mártires, que sofreram por amor ao Evangelho, por serem seguidores de Jesus, a fim de garantirem a Vida Eterna. Paulo, escrevendo aos Coríntios, explica acerca das tribulações sofridas:

Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. [...] Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas. (II CORÍNTIOS, 4: 8-11 e 16 – 18).

O apóstolo de Jesus Cristo, ainda que estivesse sofrendo muitas tribulações, dentre as quais, muitas perseguições, açoites, prisões, ameaças de morte, não atribuiu nenhum desses sofrimentos à desgraça. Ao contrário, mesmo preso, o apóstolo encorajava os irmãos de Corintos a lutarem e nunca distirem.

Levando em conta o contexto e a necessidade daqueles homens em agradar a Deus, o maior desafio para estes seria vencer a própria carne, ou seja, manterem-se afastados das mulheres, pois estas representavam o instrumento perfeito para desviá-los do caminho. E para tornar seu discurso ainda mais convincente, o narrador compara a mulher à peçonha, à pestilência.

Nesse contexto, a peçonha representa a mulher sem escrúpulos; enquanto que a pestilência representa a mulher briguenta, má, destruidora, algo que devemos evitar, nos afastar. A pestilência está também relacionada impureza. No Evangelho de S. Marcos (5:25-34), havia uma mulher que há 12 anos sofria de uma hemorragia, a qual não cessava nunca. Esta gastara todo o dinheiro que tinha com médicos, mas ninguém conseguia curá-la. Um certo dia, quando Jesus estava passando, a mulher se arrastou (pois estava muito fraca) e tocou na orla da sua veste e ficou curada. Todos ficaram perplexos, pois aquela mulher era considerada impura. Não poderia ter tocado em Jesus. Isso porque, naquela época, na cultura judaica, uma mulher no período menstrual deveria ficar afastada de todos, pois seu sangue representava impureza, uma vez que nesse período a mulher não poderia ovular. Ou seja, não poderia engravidar. Aquele sangue para nada servia.

Vasconcelos (2005) explica que, para Santo Agostinho:

A mulher foi criada apenas para procriar, esta seria o *adjutorium* (a ajuda) para o homem. Não se justificaria a criação da mulher para ser companheira do homem, pois a criação de um segundo homem seria mais interessante para fazer companhia a Adão. (VASCONCELOS, 2005, p. 3).

A mulher, nessa situação, deveria ficar em um arraial, até cessar o sangramento. Somente passado esse período, é que ela poderia retornar ao seu lar, retomar as suas atividades domésticas. Por isso aquela mulher jamais poderia ter tocado em Jesus. Jesus, porém, respondeu: “Vai em paz, filha. A tua fé te curou” (MARCOS, 25:34). Isso porque Jesus não faz acepção de pessoas. No entanto, para os religiosos, a única maneira do homem se tornar limpo, seria fugindo de qualquer contato com a mulher.

No capítulo IV, o narrador fala sobre esse assunto; O homem é gerado a partir do sangue da menstruação:

Todos estes males viñ aa alma do ajütamêto da carne em que he posta emno cõcibimêto ãno vêtre da madre ennõ qual he o homẽ criado e mãtheudo do sangue do mestruũ que vem aas molheres, o qual he tam avorrecido e tam e tam peçonhêto que, se caae sobre as meses, faze-as que nõ dam fruyto e faz secar as arvores e as ervas. (MALLER, 1956, p. 99).

Conforme Jó, toda mulher concebe com sujeira e com odor: “*Diz o homem Job: ‘Toda mulher concebe com sujeira e com odor. E cria seu filho com angustura e com trabalho e guarda-o com grande aficamento e com temor’*”. Fomos criados no ventre (na terra), e para lá tornaremos a voltar: “*Nuu saae o homem do ventre da sua madre e nuu se torna aa terra, prove saae e prove se torna*”. E para esta vida não trouxemos nada, tampouco dela nada levaremos: “*E porê diz Sam Paulo: ‘Nenhã cousa trouxemos a este mudo e sem duvida nõ podemos levar nenhã cousa’*”. “*E, se quiseses dizer que o homem saae vestido do ventre da madre, para mētes que vestidura trage, ca a sua vestidura he torpe cousa de dizer e mais torpe de ouvir e muyto mays torpe de veer, ca he hũa pelle fea ensangoetada*”. (MALLER, 1956, pp. 98-99);

O homem lança de si frutos vis. Qual é a árvore, tal é o fruto:

Outrossy os fruytos que lança de sy o homẽ som muy viis, ca lança de ssy peolhos e lendiis e lonbrigas e cospinhos e ourina e esterco. E as arvores lança de ssy folhas e flores e fruytos e olyo e balsamo e vinho. As arvores lançam de sy muy boo odor e tu, homẽ, lanças de ty muyto fedor de grãde avorrecimẽto. Qual he a arvor, tal he o fruyto.

Desta forma, não há como o ser humano se vangloriar por ser feito à imagem e semelhança de Deus. O homem (a mulher) é um ser como qualquer animal. Segundo Paulo em II Coríntios (4:7): “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós”. Nesse contexto, o homem está sujeito a corromper-se, a ceder às tentações, dado o livre arbítrio que Deus o deu.

Na sequência, o narrador reforça o cuidado em abster-se dos desejos carnis e das suas concupiscências. Essa era uma das preocupações da sã doutrina: A santidade precisaria ser colocada à prova. Ele adverte acerca da castidade, da pureza e da renúncia aos prazeres do mundo. Essa temática também se assenta na primeira carta de Paulo aos Tessalonissences (4:15). O apóstolo exorta quanto ao modo de vida imposto por Cristo. Que apesar de se resumir em renúncia e sacrifícios, era o que os garantiam a Vida Eterna e o encontro com O Criador. Desse modo, o leitor adotaria tais comportamentos, que condiziam com os preceitos bíblicos destacados nessas epístolas:

Porque esta é a vontade de Deus, a saber, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição, que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santidade e honra, não na paixão da concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus. (I Ts. 4:15)

Paulo envia esta carta pastoral a fim de confirmar seu rebanho na esperança da vinda do Espírito Santo. Pois os que estão enxertados na Videira Verdadeira (Jesus Cristo) devem abster-se dos desejos da carne.

Todo sofrimento gerado por esse sacrifício seria compensado na volta de Cristo à Terra. Essa concepção também se entrelaça à questão do sofrimento como um mal necessário, a fim de obter o perdão dos seus pecados.

Essa aliança feita pelo homem com Deus se confirma na primeira carta de Pedro (4: 2): “para que, no tempo que ainda vos resta na carne não continueis a viver para as concupiscências dos homens, mas para a vontade de Deus”. Exortando-os a manterem-se afastados do pecado, em total vigilância e em constante oração: (I PEDRO, 4:7): “E já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sedes sóbrios e vigiai em oração”.

No mesmo capítulo (I PEDRO, 4,1), o apóstolo adverte aos fiéis de que o julgamento começa pela Casa de Deus: “Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e se começa por nós, qual será o fim daqueles que desobedecem ao evangelho de Deus?”. Residia aí a responsabilidade em guardar essa Palavra, pois “[...] a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá, e ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá”. Conforme está escrito no livro de S. Lucas (12:48).

Nesse momento, o narrador passa a apontar para a saída de toda a problemática que envolvia a mulher. Inicia falando acerca dos homens que não podem conhecer mulher, referindo-se aos castrados:

De muytas companhia som qites os homeês que nõ podem conhecer molher, onde diz Filo bem avêturado: “O crestado que nõ obrou maldade per suas mãos som-lhe-a dado dom de fe escolheyto e sorte êno tẽplo muy recebonda, ca o ffruyto dos boõs trabalhos he glorioso, o qual fruyto muy glorioso dado aos crestados ãna egreja grande celestial antre os sanctos, maiormẽte a aquelles que se crastarom si mesmos pelo rregno dos ceos. (MALLER, 1959, p. 319)

Em seguida, destaca o quanto a vida dedicada ao Reino de Deus é de maior proveito: Que o homem castrado não deve se sentir diminuído:

Porẽ diz o Propheta Ysaias: “Nõ digua o castrado: “Ex, eu som lenho seco”. Porque esto diz o Senhor Deus aos castrados que escolherõ aquellas cousas que eu quise e teverõ a minha preytesia. (MALLER, 1956, p. 319).

Que a este daria um novo nome perdurável e um lugar nomeado em Sua Casa Celestial: “em que há muitas moradas”.

Darey a ãna minha cassa loguar e nome melhor que aos filhos e aas filhas. Nome darey a que nõ perecerá. Ca descer hi huũs castrados que taaes nacerõ do vẽtre de

sua madre. E descer hi outros castrados que som fectos homẽs e descer hi que castrarõ si pelo rregno dos ceos. E a todos estes castrados, se escolherẽ aquello que Deus quer, cõvem a saber, castidade e caridade, darã ao Senhor Deus loguar nomeado de meiiom ãna sua sua casa em que descer muytas moradas. E dar-lhe-a nome milhor, mais excelente que sse filhos ou filhas, ca lhe darã nome que nõ pereça, assy como perece e falece o nome que podem dar aa geeraçom dos filhos. (MALLER, 1959, p. 319).

O narrador faz menção ao Evangelho segundo escreveu São João (14,2): “Na minha casa há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vo-lo teria dito: vou preparar-vos lugar.”; Citando Galieno, afirma que o castrado vive mais longamente que os outros homens: “*Ca diz aquelle muy nomeado Galieno que os castrados vivẽ mais lon gamente que os outros homeẽs*”. (MALLER, 1959, p. 319);

E de igual modo, a mulher que se mantivesse casta, pura, era conhecida diante de Deus e diante dos homens: “*Oo, quanto he fremosa a geeraçom casta com claridade, ca a memoria he nõ mortal porque he conhecida ante Deus e ante os homeẽs*”. (MALLER, 1959, p. 320).

O narrador alerta para o perigo de morte que muitas correm na hora do parto.

Outrosy o perigo das molheres que parem he muy grande [...]. E disse o Senhor aa primeyra molher: “Em door parirã os filhos”. E diz Jhesu Christo que a molher, quando pare ha tristeza e nõ he maravilha ca he ã priigo de morte. E, posto que aja ã custume de parir, a molher ameude nõ he porem segura do perigo da morte ca muytas vezes acontece que aquella que ante pario muytas vezes depois perigou ãno parto e morreo. (MALLER, 1959, p. 320).

Que as castas geram filhos espirituais: *E diz a Escriptura que [...] a maninha mais prestes he pera parir muytos filhos que aquella que he pera geerar naturalmẽte*”. (MALLER, 1959, p. 320); Enquanto que, as que têm filhos carnaís sofrem muitas aflições:

E a molher quando pare filho carnal descer tristeza mas quando pare filhos spirituaes alegre-sse e louva o seu Criador, qual descer taaes filhos e tam muytos ca pode ã huã dia natural concebtaaes mil filhos ãna sua mête e dysy pari-llos per obra de fora. [...] Mas os filhos carnaes sse concebem cõ dilectaçom desordenada e carnal e nacẽ cõ door e muytas vezes poõẽ sua madre ã grande e ã grande vergonça ca çoncebimẽto som as madres descubertas do seu pecado. (MALLER, 1959, p. 320).

O narrador exemplifica quanto a isso, narrando a história da monja que por engano do diabo engravidou de um jovem e contaram o fato ao bispo, que veio visita-la no mosteiro e a abadessa não sabia o que fazer. E a jovem adoeceu para dar à luz e apareceu-lhe a Virgem Maria em sonhos com os anjos e ordenou que os anjos levassem a criança. Assim, a jovem monja ficou livre do pecado pela misericórdia da Virgem.

Em seguida, fala sobre o quanto é gratificante ao homem viver só. Que este nunca estará sozinho de fato. Que Deus é sua companhia:

Posto que o homẽ apartado seja soo, sem companhia dos homeẽs, mayormẽte dos mūdanaes, nõ he porẽ soo da companhia d'outros conpanheyros. Onde diz Sam Jeronimo que o sabedor nuca pode ser soo, s. simplizmẽte, ca el tem consigo todos os que fora e os que som boõs e o coraçom livre e leva-o e trespassa-o pera hu quer. E aquello que nõ pode abranger cõ o corpo, abraça-o e cõprende-o cõ o coraçom. E se ouver mĩgua d'omeẽs fala cõ Deus e nuca serã meos soo. (MALLER, 1956, p. 340-341).

Que o se apartar por algum momento faz com que o homem chegue às coisas altas: *“Outrosy o apartamẽto maiormẽte emcerrado faz o homẽ chegar aas cousas de cima”*. Conforme está escrito na Palavra de Deus: *Pennsai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra*”. (COLOSSENCES, 3:2). E se nós escondemos alguma coisa à carne, nos deleitaremos no espírito:

Onde diz Sam Gregorio: “Se nós escondemos cada hũa cousa aa carne, logo achamos ãno spiritu aquello que nos deleita”. Certamente se a evagaçom de fora he entõ o achegamẽto de dentro he aberto aa êtençom da alma, porque a mête que per razõ da disciplina nõ pode espargida per fora, porẽde pode mais per aproveitamẽto êtender sobre sy, ca a arvor per constrangimento crece ã alto, quando a nõ leixam descer aos ramos pera fundo. E quando tapamos os rios da fonte, entom fazemos levãtar as agua pera cima. (MALLER, 1956, p. 341).

Em conformidade com o que está escrito em Salmos (Sl. 37: 4): *“Deleita-te também no Senhor ele te concederã o que deseja o teu coraçom”*.

E quanto ao homem que ensina, este deve fazer o que é ensinado: *“mas os verdadeyros que som poucos ou nehuũ, som os primeyros que fazem aquello que ensinã. E estes taaes fugem das cidades e apartan-se das gentes”*. (MALLER, 1956, p. 341).

Sobre isso nos ensina a sã doutrina: *“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhã-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha”*. (MATEUS, 7:24). Que mesmo em lugares desertos, os discípulos não abandonaram a Sã Doutrina: *E bem asy os seus disciplos e os que socederõ a sua doutrina senpre se afastarõ das gentes que he esposta a muytas tormẽtas e acostumarom morar ãnos hermos. (MALLER, 1956, p. 342).* Concordando com o que diz no livro de Jó (39:6): *“ao qual dei o ermo por casa, e a terra salgada por morada”*; porque esse é o comportamento de um verdadeiro cristão: *“Quanto mais deve esto de fazer o fiel e verdadeyro cristaão e asy o fazẽ alguũs e estes som verdadeyros filosofos de filosofia celestial”*. (MALLER, 1956, p. 342).

Em I Jo (2: 26) o apóstolo de Jesus Cristo também exorta aos fieis: *“Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou”*. E àqueles que ainda não alcançaram tão grande virtude, roguem ao Pai que vos dê a sabedoria necessária. Reconhecendo que uma vida de santidade se faz com muita renúncia e sacrificios, no entanto, como diz Paulo em sua carta

aos romanos (8: 18): “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presentenão são para compararcom a glória que em nós há de ser revelada”.

Todos esses ensinamentos serviriam de manual para uma vida de castidade e pureza diante do Senhor. Dessa forma, o leitor, ao adotar essas práticas, estaria contribuindo para o Reino de Deus e salvaria muitas almas, pois, uma vida dedicada ao Serviço de Deus é um grande testemunho de mudança de vida e arrependimento de seus pecados.

Como o salmista declarou: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”. (Salmos, 119:11).

Capítulo 2: A configuração da mulher como agente corruptor ou demônio

No Livro IV, objeto de nossa análise, do capítulo LVII até o capítulo LXII, o narrador se reserva ao intuito de advertir aos homens quanto aos males que a mulher possa trazer para suas vidas. Ele introduz seu discurso citando Santo Agostinho para exemplificar o quanto a mulher é ardilosa e astuta:

Ca diz Sancto Agostinho: “Dos carvoões saltam as faiscas e do ferro se cria a ferrugẽ e a animalia que chamã aspe lança as doenças cõ seu asuio e a molher lança a cobiiça da pestellença e aas vezes se dẽssolve ẽ rriiso e aas vezes demonstra afaagos e, o que mais peçoẽta cousa he sobre todallas cousas, dellecta-sse ẽ cantar. E meos mal era de ouvyr o basilisco suviar”.

Segundo Santo Ambrósio, citando Tertuliano, atribui à mulher o epíteto “porta do diabo”:

E diz Sancto Ambrosio: “Porta do diaboo, carreyra de maldade, ferida de escorpian e geeraçõ que ẽpeece he a femea quando se chega, ca ella pũgi come aguilhom e acende fogo e fere com fogo de grande chama a consciẽcia daquelle cõ que mora e queyma os fundamentos dos motes”.

O narrador aconselha ao homem a não trilhar o mesmo caminho que a mulher, e nem deve confiar nela: “E porẽ diz Sam Jeronimo: ‘Poucas vezes ou 20omp trilhe o pee da molher a tua cassa. [...] Pára mẽtes que no fiques cõ ellas ẽ hũa cassa nẽ confies ẽna castidade trespasada’”. (MALLER, 1956, p. 306-307). Advertindo-o que, da mesma forma como a mulher foi capaz de enganar a Davi, a Sansão e a Salomão, do mesmo modo enganaria a qualquer homem, pois nem mesmo estes escaparam da tentação. E ainda assim, cederam e pecaram.

Alerta ainda ao leitor que não se engane com a aparência disfarçada, pois tais mulheres pareciam castas, porém não o eram: “*ca tu nõ es mais forte que Samsam, nõ mais que David, nõ podes mais sabedor que Salamõ [...] A femea ãganou Adam e Samsom e rey David e Salamõ; pois quẽ será agora seguro?*”. (MALLER, 1956, p. 307). Desta maneira, o homem não estaria seguro na companhia de uma mulher.

Observa-se que o narrador explicita o perigo em se envolver com mulheres. Mas se esses homens pecaram ou se foram “seduzidos” por essas mulheres, o fizeram dentro de seu livre arbítrio. Nenhuma destas os obrigaram. Os instigaram, é verdade, mas eles poderiam ter resistido.

Paralelamente, o narrador destaca que a mulher sabe por instinto ser enganosa, pois revela nudez em partes de suas vestimentas, para mostrar sua sensualidade e causar desejo aos homens; que aperta a cintura, destacando as curvas, que prende os cabelos para mostrar o colo; que deixa o manto cair para mostrar os ombros, mostrando uma coisa, e escondendo outra, no intuito de aguçar a curiosidade do homem; que sua língua é de fala pura, mas o corpo revela luxúria.

E diz outrosy Sam Jeronimo falando da arte ãganosa da molher: «Ella faz a sabendas a saya ou camissa descoseyta ã algũs logares, por tal que pareça algũa cousa do corpo e aquello que he feo cobre-sse e aquello que he fremoso parece. E apertam o cos cõ cinta crespa e os cabellos pendẽ ãna fronte ou sobre as orelhas e leixam aas vezes cayr o mãto por tal que pareçã os onbros brancos. E, como se nõ quissesse que a vissem, alça tostemẽte o manto e cobre-sse cõ elle, mostrãdo hũa cousa e outra promete. A lingua della soa castidade e todo a o seu corpo demostra luxuria.

Em seguida, o narrador exemplifica citando São Jerônimo, sobre certa mulher de idade madura e de certo prestígio social, que se deleitava em ter rapazes novos por filhos espirituais, tratando-os por filhos, mas que na verdade, desejava tê-los por maridos.

Eu conheci algũas molheres que eram de madura ydade e muytas de grande linhagem que se delectavã averẽ mãcebos por filhos spirituaes e perderom a vergonça pouco e pouco e chamado-se fingidamente madres deles, ouuverõ-nos por maridos. (MALLER, 1956, p. 307).

Para ele, tanto a mulher jovem, quanto a mulher de tenra idade, sabem se utilizar da luxúria, a fim de seduzir o homem:

Outrosy o diaaboo faz da molher luxuriosa assy como faz a molher do seu em quanto he saõo: acarreta a agua ã e lle. E depois que he quebrado, faz delle testos pera trager o fogo. Bem assy faz o diaaboo. ã quanto he a molher luxuriosa manceba, faze-a husar do p[e]ccado da luxuria, e, depois que he velha faze-a husar d'alcouetaria, que estas velhas alcouetas trazẽ o ffogo da luxuria pera acenderẽ os corações dos homẽs. (MALLER, 1956, p. 309-310).

O narador justifica sua opinião, colocando a mulher como condutora da pestilência e da peçonha, como a própria serpente:

Muyto se teem os homeës por bem avêturados [...] acham por grande viço e solaz a companhia das molheres. [...] ca nõ descer cousa ã que mais tostemête seja achada pestelença e peçonha que ãna familiaridade e ãna ompanhia das molheres.”.
(MALLER, 1956, p. 309.)

Exemplificando a luxúria mencionada no seu discurso, o narrador relata a história de São Leão, como testemunho do quão perigoso é lidar com a mulher no exercício do seu chamado e da sua vocação religiosa. O papa alcançou a misericórdia de Deus, ficando livre das tentações que sofrera antes de ingressar na carreira religiosa:

Dam testemunho os rromaos que Sam Leom papa, ante que fosse papa, vivia carnalmête mas rrogava aa beenta Virgẽ Maria que o livrase da tenptaçom da carne. E a beêta Virgem lhe gaanhou tal graça do Senhor Deus que elle foy livre daquella tenptaçõ.

Este fora tentado pelo diabo, por meio de uma mulher que ele conhecera na sua vida pregressa:

E depois que foy papa vivya castamête, mas o diaboo provou de o derribar da sancta vida que fazia per molher e, estando o sancto papa dizendo missa ãna festa da Asupçom quando a beêta Virgem foy levada aos ceeos, hũa molher que fora sua amyga quando era mancebo foy aa oferta com as outras que hi estavã.

O Papa, ao ceder, consentindo a insinuação daquela mulher, abre espaço para o diabo atuar em sua mente e trazer à tona sua vida de práticas reprováveis diante de Deus:

E quando beijou a mão ao papa Leom, entom o diaboo aduse aa memoria ao papa aquello que em outro tempo ouvera com aquella molher en tal guisa que quando elle sintyo os beiiços della ãna mão e parou mentes ãna fremusura da sua face, consentio pouco e pouco aas suas maas cuydações.

Nesse momento, São Leão avista a imagem de uma rainha com a semelhança da Virgem Maria e se põe a chorar. E percebe que se tratava da Mãe de Jesus, e que o reprovava em seu deslize. Mas ao perceber seu arrependimento, o olhou com misericórdia. Então ele entendeu que estava sendo redimido de sua luxúria. Tamanho foi o constrangimento, que o Papa chamou um parente e fê-lo cortar sua mão, de modo que não mais celebrou sequer uma missa. Essa atitude de decepar a mão atenta para a palavra de Deus escrita no livro de Marcos (9:43), que assim diz: E, se tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. (MARCOS, 9:43).

Jesus destaca o quanto é importante a salvação da alma. Que para obtê-la, se necessário fosse, deveríamos amputar membros importantes do nosso corpo físico, caso estes fossem a

causa de nossos pecados. No entanto, O Mestre não recomenda a mutilação literalmente, mas sim, a renúncia às práticas pecaminosas, que geralmente são dolorosas, e até mesmo colocam em risco a nossa integridade física.

Essa ilustração aponta para o exercício da remissão do pecado, como algo que necessita ser executado em nossas vidas, a fim de que, despojando-se do velho homem, ou seja, da natureza pecadora, uma vez crucificada com Cristo, possamos viver em novidade de vida. Esta amputação de caráter espiritual é para a vida, não é para a morte. Desse modo, a retirada dos desejos e dos hábitos pecaminosos objetivam mais do que permitir que continuemos vivendo esta vida natural, mas que obtenhamos a vida eterna.

Nesse contexto, o Papa assumiu o seu erro, e para se redimir da sua culpa, puniu a si mesmo por meio da mutilação de sua mão. Mas ao tomar conhecimento de que o Papa não mais celebrara missa, “*diserõ-lhe os mayores da cidade de Roma: “Padre, nós não te acusamos, mas queremos saber porque não dizes missa”*”. (MALLER, 1956, p. 309).

E antes que revelasse a verdade, obteve maior misericórdia que antes havia recebido:

Entõ veo aa beëta Virgem e trouve-lhe hũa mão muy fremosa e posse-lha êno loguar d’uom talhara a outra e disse-lhe: “Porque tu nõ cessaste dos meus louvores e entendeste o precepto do Evãgelho sinprezmête, eu te êtrego esta mão celestial polla carnal que tu talhaste”. E partio-sse a beëta Virgem, e os que hi estavõ nõ viam sê no a claridade e maravilhavõ-sse. [...] E daly ã dian|te disse missa e fez todo o officio do Senhor Deus. (MALLER, 1956, p. 309).

Após a ilustração, o narrador reforça:

E per este que acõteceo a Sã Leom papa se mostra como a tẽptaçõ da luxuria veëce algũas vezes os sanctos homeês que som tam fortes ã virtudes como os leoões, ca a molher he tal come o pintor que asy como o pintor faz muytas pinturas e muytas linhas de collores bem assy a molher com seus pinta as ymageês das maas cuydações êno coraçom do homẽ. E isso faz o diaboo. (MALLER, 1956, p.309).

Toda a rede de sedução presente nessa narrativa aponta para o cenário religioso em que esta se configurara. Isso decorre de uma preocupação para os que vivem uma vida de castidade, dentro de um contexto eclesiástico. O Papa se encontrava em um momento litúrgico quando foi tentado por aquela mulher, que beijara sua mão. Isso põe em evidência que até mesmo no âmbito religioso as mulheres estão propensas à prática da luxúria.

Conforme adverte Santo Agostinho: “*nõ deue homẽ meos temer as molheres por seerẽ religiosas, porque, quãto som mais religiosas, tanto mais toste som tentadas e so semelha[n]ça de piedade jaz escondida a luxuria*”. (MALLER, 1956, p.307).

A retórica que envolve a temática da amputação faz referência à castração. Lacan, (apud KEPLER, 1984, p. 94) explica: “a castração não é mais o obstáculo no qual a mulher deve vir a esbarrar; ao contrário, assume o valor de uma via que indica por si mesma o seu mais-além”. Se na mulher há “o vazio”, (a inexistência do falo) há, portanto, a castração deste; e isso é primordial na mulher. No homem, onde há o falo (o físico), há o medo da perda, ou seja, da castração (psíquico). Como se, ao entrar em contato direto com “a ausência”, ele perdesse o que tem de fato. Daí o medo de alguns homens em relação à figura feminina. Ela é curiosa, é inteligente, é dinâmica, e isso o assusta. Eva foi curiosa, por isso provou do fruto e o ofereceu a Adão. Eva Provocou a “castração” daquilo que estava no campo do sagrado.

Para VASCONCELOS (2005, 4): “o casamento foi instituído por Deus no Paraíso, e só a procriação justifica os prazeres carnis”. A autora se apoia no texto bíblico escrito no Livro de Gênesis (9:7): “Mas vós, frutificai-vos e multiplicai-vos; povoai abundantemente a terra e multiplicai-vos nela”.

Na sequência, o narrador alerta quanto ao perigo que o homem corre ao se aproximar de uma mulher, como uma borboleta que se aproxima de uma candeia, que corre o risco de ser queimada pelo fogo: “*E assy como a berbeleta tanto anda voando acerca da candeia ataa que sse queyma ã ella, bem assy fazem aquelles que ameude husam a cõpanha das molheres*”. (MALLER, 1956, p. 309). E, por conseguinte, o perigo não resulta somente no que se refere à sua paz interior, à sua vida espiritual; abrange o lado financeiro, o material: “*E nã tam solamente fazẽ as molheres perder as almas, mas ainda os corpos e os averes*”. E por fim, ela mesma escarnece dele: “*e depois escarnecẽ dos homeẽs. [...]*”. (MALLER, 1956, p. 309).

Dando prosseguimento a sua retórica, o narrador apresenta um *exemplum* para justificar seu comentário. Discorre sobre a maldade da mulher, que usa de todos os artificios para enganar o jovem, e depois desprezá-lo à sua revelia. E ainda zomba dele, depois que gastou tudo o que tinha com ela. E por fim ainda lamenta porque não conseguiu ficar com a única capa que lhe restou. Nesse contexto, a mulher significa a destruição, a queda, a morte do homem.

A queda, a que se refere o texto, faz alusão ao episódio bíblico que se encontra no Livro de Gênesis. A esse respeito, o *Livro de Lilith* (KOLTUV, 1986), como forma de estudar a psicologia feminina e entender as suas implicações, faz referência à primeira Eva, ou a mulher que tentou Adão.

O livro se apoia em trechos bíblicos e cita diversas passagens do *Zohar*³, (o Livro do Esplendor), uma obra cabalística⁴ do Século XIII, escrita por homens preocupados em acautelar outros homens contra seus poderes.

Conta-se, segundo o Zohar, que:

[...] depois da queda, Adão decidiu fazer penitência pelo seu pecado, abstando-se de ter relações com Eva durante 130 anos. De acordo com o Rabi Mier, no Talmud, Adão cobriu a cintura com espinhosos ramos de figueira para evitar o ato sexual com Eva. Durante esse tempo Lilith visitou Adão enquanto ele dormia sozinho, sonhando, e se satisfazia, montada nele, provocando-lhe poluções noturnas. As criaturas nascidas dessa união são chamadas de os ‘flagelos da humanidade’”. (KOLTUV, 1986, p.60).

Afirma-se que Lilith teria sido criada igualmente da terra, só que de uma parte suja, de “um sedimento impuro em vez de pó ou terra”. Sua relação com Adão era conturbada, pois Lilith se negava a ficar por baixo no momento do contato com o marido, não aceitando a condição de submissa, questionando seu direito de igualdade ao homem, já que fora criada da mesma maneira que ele. “Ao perceber que Adão a subjugaria, proferiu o inefável nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo”. (KOLTUV, 1989, p. 38). Vivendo numa caverna, às margens do Mar Vermelho, envolveu-se “numa desenfreada promiscuidade, unindo-se com demônios lascivos e gerando, diariamente, centenas de *lilim*, ou bebês demoníacos”. (KOLTUV, 1989, p. 38).

Segundo Koltuv (1989), “Para crescer e se desenvolver psicologicamente, uma mulher precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith”. (p. 41):

Lilith é aquela qualidade pela qual uma mulher se nega a ser aprisionada num relacionamento. [...] não deseja a igualdade e a uniformidade no sentido de identidade ou fusão, mas os mesmos direitos de se mover, mudar e ser ela própria. (KOLTUV, 1989, p. 41).

Nesse contexto, observa-se a questão da insubmissão da mulher, pelo menos no que diz respeito à forma como a Bíblia relata como a mulher foi formada: Nem da cabeça do homem,

³ O Zohar ou Livro do Esplendor é a fonte da Kabbalah e mostra-nos a sabedoria sublime relacionada com as características metafísicas de toda a Criação.

⁴ De cabala: É uma mística esotérica judia, uma escola de pensamento espiritual que tenta decifrar o conteúdo da *Torá*. Considerada como uma filosofia de vida ensina aos cabalistas formas de superar obstáculos para evoluir e atingir a paz espiritual. Desenvolveu-se entre os séculos XI a XVI e se transcreveu como doutrina em livros secretos como o *Zohar* (Livro do Esplendor), que contém os ensinamentos da cabala e orienta os seus seguidores.

para que não queira ser superior a ele, nem do pé, para que ele não a pise. Mas da costela, para que andem lado a lado, colocando-os em pé de igualdade.

Muraro (1993, apud Vasconcelos, 2005, p. 2) afirma que “as mulheres comuns estavam muito distantes do ideal criado pela Igreja, de uma mulher casta e pura e, portanto, foram consideradas as agentes de Satã, responsáveis pela desgraça do homem, o desviando do caminho da salvação”.

Maria, a mãe de Jesus era adorada enquanto Santa, assim como as abadesas, que serviam a Santa Igreja. As demais (mulheres comuns), que não estavam inseridas nesse contexto, eram vulgarizadas e desvalorizadas pela sociedade.

Silvia Nunes (2000, apud Vasconcelos 2005, p. 2), diz: “essa concepção da mulher na Idade Média até o Renascimento origina-se do Cristianismo primitivo e associa a mulher ao carnal, ao mal e ao desregramento sexual”. Vasconcelos (2005, p. 4) explica acerca da preocupação dos padres, que por estarem “na categoria dos homens não sexuados, precisavam convencer-se de que a mulher é um agente de Satã na terra. Nela só existiria tentação e sedução, portanto era preciso afastar-se para obter a salvação”.

Conforme Duby (2001, p. 64, apud VASCONCELOS, 2005, p. 4): “na origem de toda transgressão da lei divina encontra-se o sexo [...] sabem o que é ser tentado e estão cheios de indulgência para com Adão”. Adão e Eva quando comeram do fruto, preceberam que estavam nus. Isso reitera a ideia de que, segundo Duby (apud VASCONCELOS, 2005, p. 4): “no século IX, no mundo monástico, a coisa é assim entendida: o pecado é a mulher, e o sexo, o fruto proibido”. Ou seja, a mulher era a culpada por toda a perdição quando se referia à carne. Embora esse pecado só pudesse ser consumado se houvesse uma segunda pessoa para pecar junto com a mulher (o homem), este estaria isento de culpa, tornar-se-ia a vítima na questão.

Howard Bloch (1995, p. 17, apud VASCONCELOS, 2005, p. 2) afirma: “é difícil determinar quando o cristianismo tornou-se dividido entre a possibilidade da salvação e do prazer e, ao mesmo tempo, entre atitudes de igualdade sexual *versus* a subordinação da mulher ao homem”. O autor afirma ter ocorrido uma *feminização* da carne: “ou seja, de acordo com a metáfora da mente e do corpo, a associação do homem com *mens* ou *ratio* e da mulher com o corporal” (BLOCH, 1995, p. 17, apud VASCONCELOS, 2005, p. 2), segundo o ponto de vista dos primeiros padres da igreja. Para estes, o homem era dotado de razão, a

mulher, de desejos. E se tal for a afirmação, onde estaria a razão se o homem é capaz de ceder aos instintos femininos?

No capítulo LVIII, o narrador discorre acerca do mal que a mulher pode trazer ao homem no casamento. Que é de grande encargo e grande perigo:

Nom tan solamête a familiaridade e cõpanhia de qualquer molher he periigosa, mas ainda da molher propria com que homẽ he casado he grande ãcargo e grande periigo, onde diz Sancto Anbrosio que o ajõtamento do casamẽto nõ deve seer esquivado, asy come peccado ou culpa, mas deve-se o homẽ desviar delle asy como de carga de necessidade.

O narrador segue, sempre intercalando seu discurso, exemplificando com uma citação de algum nome conhecido, e, ao mesmo tempo, trazendo um *exemplum*, dinamizando seu texto, a fim de persuadir o leitor e atraí-lo para as mensagens que quer passar.

Citando *Valerio Maximo*, o narrador afirma que a mulher bonita é templo edificado na tristeza:

E porẽ diz Valerio Maximo que huũ sabedor que avia nome Matelyo era demãdado pera cassar cõ hũa filha d'huũ homẽ que avia nome Mario e esta sua filha era fremosa e de boõ linhagem e de boa fama e dava-lhe seu padre grande rriqueza. E Matelyo nõ quis casar cõ ella dizendo: “Eu ante quero seer meu ca seu della». E respondeu-lhe Mario, dizendo: “Mas ella será tua”. E dissy Matelyo: “Mas cõvẽ que o marido seja da molher”. E asy tyrou este Matelyo as costas do ãcarrego da molher ca o casamento por carga deve seer contado. Onde dissy Diogenes fillosopho: “Nõ he algũa molher tam boa que nõ aches de que te queixes. Nõ ha cousa de mayor encargo que a molher. A molher fremosa he templo edificado sobre a tristegua”.

Em seguida, narra a história de um homem que tinha em seu quintal uma árvore, na qual as três mulheres que ele tivera haviam se enforcado nela. E contando esse fato ao seu vizinho, este o pediu alguns enxertos dessa árvore para si. É latente o desejo deste homem de livrar-se de sua companheira, dando-nos a nítida impressão de infelicidade em seu casamento, pois “*he grande ãcargo e grande periigo*”. (p. 310).

O narrador menciona outros nomes, tais como o de Santo Agostinho⁵, São Jerônimo⁶, Santo Ambrósio⁷, O Papa Sam Leom⁸, o rei Valeriano Máximo⁹, dentre outros, para reforçar “teoricamente” sua doutrina com suas parábolas.

⁵ Aurélio Agostinho, o Santo Agostinho de Hipona foi um importante bispo cristão e teólogo. Nasceu na região norte da África em 354 e morreu em 430. Era filho de mãe que seguia o cristianismo, porém seu pai era pagão. Logo, em sua formação, teve importante influência do maniqueísmo (sistema religioso que une elementos cristãos e pagãos).

O mesmo Valeriano faz menção ao nome de Salomão, quando diz que este “perdeu a luz da sua alma e a glória da sua casa por causa da maldade das mulheres” (MALLER, 1956, p. 311). E completa, dizendo: “*a mulher muito boa é tão difícil de encontrar quanto a ave fênix*” e que “*há poucas mulheres boas no mundo*”. (MALLER, 1956, p. 311).

Essa afirmação faz referência ao versículo bíblico que encontramos no livro de provérbios de Salomão (31:10), que diz: “*Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor excede o de finas joias*”.

O capítulo 31 do livro de Provérbios de Salomão, a partir do versículo 10, fala sobre a mulher virtuosa e tece elogios ao que essa mulher representa. Mas ao narrador esses versículos não são levados em conta, uma vez que não lhe interessam as qualidades da figura feminina, antes seu prazer está em desfazer-se dessas virtudes. Ao contrário disso, reforça, conforme diz Valério, que os que têm mulher são postos em “engano perigoso”, como aconteceu com Salomão, o grande sábio:

Outrossy aquella que tem molher he posto a engano perigoso, onde diz Valerio: “Salamõ, que era sol dos homês e tesouro de delectações e camara estremada da sabedoria de Deus, foy afuscado e escurentado com tinta grossa de treevas, ã tal guisa que perdeo a luz da sua alma e a gloria da sua casa per maldade das molheres”.

O texto refere-se à passagem bíblica narrada no livro de I Reis (1:6), em que Salomão (embora fosse um homem sábio), se envolveu com mulheres que não eram do agrado de Deus, e por isso perdeu-se:

E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas, [...] de que o Senhor tinha dito aos filhos de Israel: Não entrareis a elas, e elas não entrarão a vós; de outra maneira, perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. [...] e suas mulheres lhe perverteram o coração. [...] Assim fez Salomão o que era mau aos olhos do Senhor e não perseverou em seguir ao Senhor, como Davi, seu pai.

⁶ São Jerônimo foi um homem de grande cultura, era doutor nas Sagradas Escrituras, teólogo, escritor, filósofo, historiador. Foi ele quem traduziu a Bíblia pela primeira vez, do hebraico e grego para o latim, a língua falada pelo povo. Sua tradução foi chamada de Vulgata, ou seja, popular.

⁷ Aurélio Ambrósio (em latim: *Aurelius Ambrosius*), mais conhecido como Ambrósio, foi um arcebispo de Mediolano (moderna Milão) que se tornou um dos mais influentes membros do clero no século IV. Foi prefeito consular da Ligúria e Emília, antes de tornar-se bispo por aclamação popular em 374..

⁸ São Leão ou O Grande: "Grande porque ele era grande em obras e em santidade". Foi o mais importante Pontífice do seu século, tendo que lutar fortemente contra duas classes de inimigos: os forasteiros que queriam invadir e destruir Roma, e os presos que tentavam enganar os católicos com erros e heresias. Na Toscana, Itália, recebeu uma educação cuidadosa e falava corretamente a língua nacional (o latim). Sua frase de um sermão de Natal que ficou famosa foi: "Reconheça sua dignidade cristã, o Filho de Deus veio do céu para salvar sua alma".

⁹ Um dos três mártires venerados em Roma, na célebre Via Ápia. A lenda associou os três ao nome de Santa Cecília, venerada bem perto dali, na catacumba de São Calixto. Tibúrcio, Valeriano e Máximo deram a vida por Cristo, nos primeiros séculos do cristianismo.

Mais uma vez a acusação que pesa sobre todas as mulheres não se firma, pois ao homem é dada uma livre escolha.

O narrador segue seu discurso misógino afirmando que a mulher boa é tão rara de encontrar quanto a uma ave fênix: “*E, posto que a molher seja boa, nõ leixa porẽ de seer ã cargo e tribulaçom, onde diz Valerio que a muy boa molher, que he mais pouca ão mũdo que a ave Finiz, nõ pode seer amada sem amargura de cuydado e sem temor de desavẽtura ameude*”. Enquanto que as mulheres más são tantas, que não há um lugar no mundo que esteja livre delas:

Mas as maas molheres, das quaaes tanta he a conpanha dellas que nõ ha nehuũ loguar que seja quite da maleza dellas, quando som amadas, pũgem amargosamẽte e dam muyta afliçom ataa o departimẽto da alma e do spiritu. E como quer que digua Valerio que a muy boa molher he tanto aadur de achar como a ave Finiz, que nõ he mais que hũa ã todo o mũdo, pero bem creo que mais averá ão mũdo de boas molheres que hũa soo.

Na sequência, o narrador explica acerca da descrição física e da natureza da ave fênix e do quanto essa ave é rara de se ver, e para ele, da mesma forma é difícil de encontrar uma boa mulher.

Esta ave que chamam Finiz he grande e tem crista assy como paaõ e da a parte deanteyra era esplandecente come ouro e da parte de tras avia as penas de purpura. [...] E porẽ Valerio fez a sua semelhança a esta ave de pouquidade das boas molheres, ca assy como esta ave aadur pode vista e achada, bem asy a boa molher aadur pode achada”. (MALLER, 1956, p.312).

A partir daí, o narrador segue com seu discurso, listando os males que uma alma feminina possui: Que mesmo que não importa se o homem tenha uma mulher boa ou má, isso não implica que esteja imune ao sofrimento:

E, porque todo homẽ que tem molher boa ou maa nõ he quite de afliçom e de amargura de cuydado, porẽ diz mestre Hugo que a vida da conteẽça he folgada, a qual nõ perde folgança e asessego per rrazõ de sospeita da molher. (MALLER, 1956, p.312).

No capítulo LIX (MALLER, 1956, p. 312-315), o narrador aconselha o leitor, citando Pitágoras, quanto aos caprichos e malícias da mulher:

Muyto he aseytossa a malicia das femeas e periigoso he o ãgano dellas, onde diz huũ philosopho velho, que a nome Pitagoras: “Duas maneyras de lagrimas ha ãnos olhos das molheres: hũas lagrimas som de door verdadeyra e outras de aseytamentos”.

Segundo seneca, a mulher sabe fingir. Suas lágrimas nem sempre são verdadeiras:

E diz Seneca que a mulher ou ama ou ha odio. A femea chorar he mêtira, ca duas guisas de lagrimas sô ênos olhos das molheres hũa de door verdadeyra e outra de aseitamentos êganosos. A mulher quando está soo, entom cuida maas cousas.

O narrador se utiliza de mais um *exemplum* para justificar seu argumento, de duas mulheres que mataram seus maridos. Uma matou por não amar e a outra, por amar seu marido:

Porem diz Valerio que hũa molher que avya nome Ynea matou seu marido que muyto desamava. E outra que avya nome Lucilya matou seu marido que muyto amava ca a Hynea deu-lhe peçonha cõ que o matou e a Lucilia, emganada pella sandice do amor, deu a beber a seu marido beverage de amavyas cõ que morreo ”. (MALLER, 1956, p.312).

E explica, que as duas mulheres contendiam por vontades contrárias. Que as fêmeas por qualquer coisa se revoltam e erram, dando ocasião ao diabo, por meio da malícia. Que não importa se amem ou desamem, elas têm a capacidade de matar. E que poucas coisas há que a mulher não possa fazer.

Nesse momento, o narrador enumera uma série de desvirtudes que a mulher possui, a fim de que o leitor reflita sobre esses males e afaste-se desse ser tão repugnante. Então, lança o apelo: Que o homem não seja enganado pela falsidade da mulher poderosa: “*Amigo, o Senhor todo poderoso te outorgue que nõ seas êganado pella falsura da femea toda poderosa*”. (MALLER, 1956, p.312). Pois a mulher afasta os deuses: “*Porê diz huũ filosoffo que: ‘Se o mũdo fosse sem femea a nossa cõversaçom nõ seria sem os deuses’*”. (MALLER, 1956, p.312). A mulher é ligeira, e apenas uma cobiça a induz a praticar outros males: “*A femea mais ligeiramente se move a fazer todollos maleficios que o hom, onde diz Cizyrõ filosofho: ‘Cada has cobiiças puxam os baroões pera fazer cada hu maleficio, mas as molheres ha cobiiça as aduz a fazer todolos maleficios’*”. (MALLER, 1956, p.312); É inimiga da amizade; mal necessário; tentação natural; má ventura desejada; perigo doméstico; perdição deleitosa; natureza de mal pintada com as cores do bem:

Porê diz Sam Joham Boca d’Ouro: “Nõ cõpre cassar, que outra cousa he a molher sê no inmiiga da amizade e pena a que nõ podem escapar, mal necessario, tẽptaçom natural, maa vêtura desejada, periigo domestico, perdimêto delectoso, natura de mal pintada cõ collar de bem?”.

Para o narrador, ter uma mulher por companhia é um tormento: “*Ergo, se he leixar homẽ sua molher, tee-lla verdadeyramente he tormêto. Necessario he que ou leixando-a façamos, ou teêdo-a ajamos lides cada dia*”. (MALLER, 1956, p.312); Seus afagos derrubam o coração do homem: “*Onde diz Sancto Agostinho: ‘Nõ sento nêhũa cousa que mais perarte derribe o coração do barom que os da femea e aquelle contangimento dos corpos, sê o qual no*

sse pode aver a molher”’. (MALLER, 1956, p.312); *A mulher ardilosa usa de artifícios para seduzir e depois nega que o está fazendo:*

[...] a molher cõ a vestidura poõe a vergonça quando se desveste. E aquello que faz quando a nõ veẽ nẽguũ como se o nõ fizesse. E, sse alguẽ a vee, ella cõ arteficio da sua lingoa constringe-o que nõ aja visto aquello que vio. (MALLER, 1956, p.314).

E o que não pode convencer com palavras, o faz com lágrimas:

E aquello que nõ pode a escusar cõ palavras escusa-o cõ lagrimas. Afaaga cõ os olhos, ãgana cõ os beyços e afica-sse cõ abraçamentos. E porẽ nõ se pode o homẽ guardar da arte da molher, por muyto que se perceba. (MALLER, 1956, p.314).

O narrador conta a história do jovem que desejava casar-se e pediu conselho ao mais sábio da comarca, e este o aconselhou a fazer uma casa com uma porta e uma fresta, e depois casasse, colocando a mulher ali, e assim o fez. E todos os dias ele saía, porém deixava a mulher trancada, e à noite quando retornava trancava-se com a chave da casa.

Mas ela com toda sutileza, oferecia-lhe bebida a fim de fazê-lo dormir logo e tomar-lhe a chave e sair a encontrar-se com outro jovem a quem vira pela fresta certo dia. E assim, adulterava com este. E o marido descobrindo tudo, tranca-a para fora de casa, para envergonhá-la diante de seus parentes.

Ela, porém, ameaça atirar-se no poço com uma pedra; e ao ouvir o barulho da pedra dentro do poço, o marido corre ao seu encontro, mas ela escondida por trás do poço, corre para dentro de casa, deixando o marido de fora, para culpá-lo de adultério, e assim ele é envergonhado diante dos seus parentes.

O episódio narrado se assemelha à história da mulher que é pega em adultério, fato relatado no livro de João (8:1): “Então os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; e pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério”. A mulher pega nessas condições era apedrejada até à morte. Essa era a lei naquela época.

Mais uma vez se põe em evidência a injustiça para com a punição dos pecados. Se a mulher podia ser apedrejada até à morte, por que não o homem também? Com quem aquela mulher adulterava? Ambos não estavam pecando juntos?

No capítulo LX, ainda acerca do casamento, aconselha que não convém casar:

Se alguũ homẽ cuydou ẽ alguun tempo tomar por esposa aquella nobre filha d'algo que a ajũtamento cõ Deus, scilicet, a sabedoria que nõca seca, e se foy amador da fremusura della e ẽtom sayba que a ell especialmente nõ cõvẽ a cassar.

E explica, lembrando que são necessárias muitas coisas para manter uma mulher:

Esto he determinação solẽpnemẽte douctores, onde diz mestre Hugo: “Nõ deve o sabedor tomar molher primeyramẽte porque ẽbarga o estudo da nõ pode qualquer servir assũadamente aos filhos e aa molher e aos livros do saber”. Muytas cousas som necessarias ao huso das molheres cassadas, cõvem a saber, vestiduras preciosas e ouro e pedras preciosas, despessas das serventas, alfayas de muytas maneyras. (MALLER, 1956, p. 316).

Fala sobre o quanto é difícil agradar à mulher; que esta é uma fonte de reclamação; é dominadora e desconfiada:

E dessy per todallas noctes questõdes parleyras, dizendo: “Aquella saae a praça milhor apostada e aquella outra he mais ompanh de todos e eu ẽno ajuntamento das femeas som desprezada. Porque oolhavas tu aquella? Que fallavas cõ a servẽta? Quãdo veeste do mercado?que trouueste?”. Nom podemos aver amigo nõ conpanheyro, ca a molher sospeita que o amor que o marido há a outrẽ que he ódio della. E emade a estas cousas que nõ a hi nõhuũ escolhimẽto da molher, mas qual aveer tal [a] has daver. (MALLER, 1956, p. 316).

A mulher não revela sua maldade tão cedo. O homem só a descobre depois de casado:

O cavalo e o asno e o boy e o cam e os mais viis mãcebos primeyro os prouã e assy os conpram: sollamẽte a molher nõ a mostram, por tal que nõ despraza ao marido ante que casse com ella. E, depois que a tem, se a apertar e aguardar per qualquer maneyra, caae ẽ odeo dela, se a lleixar per sua voõtade caae ẽ periigo. (MALLER, 1956, p. 316).

É melhor morar com um dragão e com um leão que com a mulher má e louca: “*Porem disse huũ sabedor que milhor he morar cõ o dragom e com o leom que cõ molher maa e sandia*”. (MALLER, 1956, p. 316); Por isso o homem deve rogar a Deus que o guarde da arte da má mulher: “*Onde deve todo homẽ rroguar ao Senhor Deus que o guarde do ẽgenho e d'arte da maa molher, ca a sua aarte e o seu ẽgenho he muy ẽganosso e muy periigosso*”. (MALLER, 1956, p. 316).

Na sequência, o narrador conta a história da mulher cujo marido era cego de um olho. E esta, ao ver que o marido saíra, mandou chamar um amigo com quem faziam maldade e o levou ao seu aposento e quando marido retornou para casa, a mulher imediatamente inventou que tivera um sonho em que o marido enxergava com o olho cego. Então pediu que o marido a deixasse que cobrisse com a mão o olho são, para provar se era verdade. E aproveitando-se disso, fez sinal para o amigo que estava no quarto, que saísse enquanto ela tinha a mão sobre o olho do marido e assim o fez. (MALLER, 1956, p. 316).

O narrador segue, atentando para a loucura do homem em procurar uma mulher para cuidar da casa: “*Sandice he ao homẽ tomar molher quanto he pera o regimento da casa ou pera o servir ãna doença ou pera solaz da companhia*”. (MALLER, 1956, p. 317). E continua: “*segundo diz o filosofo Theofrasto, ca o servẽte fiel melhor despenderá e os amigos e os criados obrigados pera bem fazer melhor servem o ãfermo. E o sabedor nũca he meos soo que quando está soo*”. (MALLER, 1956, p. 318).

No entanto, no Livro de Provérbios (31: 12-31) o rei Salomão enumera as múltiplas habilidades da mulher, como a pessoa certa para cuidar de uma família inteira:

Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e trabalha de boa vontade com as suas mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. Ainda de noite, se levanta e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina *uma* herdade e adquire-a; planta *uma* vinha com o fruto de suas mãos. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Prova e vê que é boa sua mercadoria; e a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, e as palmas das suas mãos pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ao necessitado estende as mãos. Não temerá, por causa da neve, porque toda a sua casa anda forrada de roupa dobrada. Faz para si tapeçaria; de linho fino e de púrpura é a sua veste. Conhece-se o seu marido nas portas, quando se assenta com os anciãos da terra. Faz panos de linho fino, e vende-os, e dá cintas aos mercadores. A força e a glória são as suas vestes, e ri-se do dia futuro. Abre a boca com sabedoria, e a lei da beneficência *está* na sua língua. Olha pelo governo de sua casa e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada; *como também* seu marido, que a louva, *dizendo*: Muitas filhas agiram virtuosamente, mas tu a todas és superior. Enganosa é a graça, e vaidade, a formosura, *mas* a mulher que teme ao SENHOR, essa será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos, e louvem-na nas portas as suas obras.

Ainda acerca do casamento, Bloch (1995, apud VASCONCELOS, 2005, p. 5) faz menção ao nome de Theofrasto¹⁰, para explicar sobre os seus conselhos, aos quais não dera ouvidos:

Ah, se eu tivesse acreditado em Theofrasto, jamais teria esposado uma mulher. Ele não tem por sábio o homem que toma uma mulher em casamento, seja feia ou bonita, pobre ou rica. Pois ele diz, e acredite, em seu nobre livro *Aureole*, que seria bom ler na escola, que ali há uma vida cheia demais de tormento e desgosto. (BLOCH, 1995, p. 23).

O narrador prossegue, citando Salomão: “*que três cousas som que nõ leixam o homẽ estar ãna casa: o fumo e a goteyra e a maa molher*”. (MALLER, 1956, p. 317). Para ele, a mulher briguenta é um incômodo contínuo, o que tira a paz e a tranquilidade de qualquer pessoa. Em concordância com o que está escrito no livro de Provérbios (21:9): “Melhor é

¹⁰ Theofrasto foi um filósofo da Grécia Antiga, sucessor de Aristóteles na escola peripatética. Era oriundo de Eressos, em Lesbos, seu nome original era Tirtamo, mas ficou conhecido pela alcunha de 'Teofrasto', que lhe foi dada por Aristóteles, segundo se diz, para indicar as qualidades de orador.

morar num canto de umas águas-furtadas do que com a mulher rixosa numa casa ampla.”, e “O gotejar contínuo no dia de grande chuva e a mulher rixosa, um e outro são semelhantes”. (PROVÉRBIOS, 27:15).

Ilustrando o que quer advertir, o narrador conta a história de certo diabo, que na imagem de homem, servia a um homem muito rico. E como seu serviço àquele senhor agradara tanto, ele deu ao diabo a sua filha em casamento, bem como muitas riquezas. Mas este sofrera tanto com aquela mulher, que desejava devolvê-la a seu pai. Descobrimo que este era o próprio diabo e sua terra era o inferno, confessou que nem mesmo lá havia sofrido tantos males quanto o que sofreu em um ano na companhia daquela mulher. Finaliza dizendo que é muito melhor viver no inferno do que morar com ela.

O narrador atenta para a questão de não poder se livrar da mulher má tão facilmente:

E certamête grande encargo he da molher que, posto que maa seja, nã a pode o homẽ leixar, sã no por adulterio e entõ nã pode tomar outra. E assy padece pena sem sua culpa, ca en quanto ella he vyva he elle cõstrangido viver castamête e aquelle que retem consigo a molher adultera he sandeu e maaõ.

O texto faz referência ao Evangelho segundo Mateus (19:9): “Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa da prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério”.

Isso porque Jesus havia proferido que “o homem e a mulher deixarão seus pais e unir-se-ão e serão uma só carne” e “o que Deus uniu o homem não pode separar”, mas por causa da dureza do coração, permitiu o divórcio. Mateus (19: 3-9):

Então chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o, e dizendo-lhe: É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez. E disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la? Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim. Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério.

Condição esta a qual os discípulos responderam: “Se é assim a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar”. Ao que Cristo respondeu: “Nem todos podem receber esta palavra, mas só aqueles a quem foi concedido”. (Mateus, 19:10-11).

Jesus estava falando que nem todos os homens poderiam se conter, mas no pensamento do narrador, não caberia tal reflexão, pois os jovens a serviço da Igreja teriam que manterem-se afastados de qualquer tipo de envolvimento com uma mulher. Por isso, pensar em casamento diante dessas afirmativas resultaria em um verdadeiro sacrifício. Era a própria ruína do homem.

A partir daí o narrador segue seu discurso, apresentando as dificuldades enfrentadas pelo homem casado, suas preocupações e obrigações com a mulher, com os filhos e com os empregados, bem como sobre as despesas e grandes tribulações porque estes passam, a fim de que os jovens leitores compreendessem que o melhor caminho era ficar da forma como estavam. Estes teriam feito a escolha correta, pois o casamento só lhes traria muitas aflições, as quais eles não poderiam suportar.

Conforme está escrito na carta de Paulo à igreja de Corinto (I CORÍNTIOS, 7- 33): “Mas o que é casado cuida das coisas do mundo, em como há de agradar à mulher”.

O narrador retorna tematizando quanto ao castigo imposto ao homem: “[...] Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida inteira.”. (GÊNESIS, 3:17)

O homẽ nace ã este mũdo pera trabalhar, seus dias som cheeos e cõpridos de trabalhos e de quedas. Nõ descer cousa sem trabalho so o sol, nẽ descer cousa sem defeyto e sem mĩgoa soo a lũa.[...] pero hũa tan solamẽte he a fim dos homẽs e todo he trabalho e afliçõ do Spiritu. (MALLER, 1956, p.102)

Essa retórica de convencimento é recorrente em *Confissões* (AGOSTINHO p. 34), revelando sua aversão ao casamento:

[...] eu deveria ter ouvido mais atentamente a voz provinda das alturas: “Mas aqueles que se casarem enfrentarão muitas dificuldades na vida, e eu gostaria de poupá-los disso” (I Co, 7:28). E “é bom que o homem não toque em mulher” (v. 1); E “o homem que não é casado, preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor. Mas o homem casado preocupa-se com as coisas deste mundo, em como agradar sua mulher”. (HIPONA, 2017, p. 34).

Dentro da soberana vontade de Deus não está o desejo que o homem se perca, antes que este se salve. Mas a este, deixa Deus o livre arbítrio. Agostinho (HIPONA, 2017, p. 35), expressa o seu lamento por não dar ouvidos ao que a Sã doutrina adverte:

A estas palavras eu devia ter prestado ouvidos mais atentos. E sendo separado “por causa do Reino dos Céus” (Mt. 19:12), teria guardado com mais alegria teus abraços. Mas eu, pobre infeliz, espumejava mais que um mar agitado,

seguindo o ímpeto de minha maré, esquecendo-me de ti, e ultrapassava todos os meus limites. (HIPONA, 2017, p. 35).

Agostinho relata o momento em que se afastou da presença de Deus, se desviando para outros caminhos, na ocasião dos seus 16 anos de idade:

Onde estava eu e quanto me distanciei em meu exílio dos deleites de tua casa, naquele 16º ano de minha vida corporal, quando a loucura da lascívia (totalmente liberada pelo abuso da liberdade, mas sem a liberação de tuas leis) passou a me governar, e eu de todo me submeti a ela? (HIPONA, p. 35-36).

Agostinho expressa seu arrependimento por ceder aos deleites da carne. Para ele, a alegria momentânea nos momentos de prazer não compensou, mediante o peso na consciência por ter cedido às paixões infames. De acordo com a parábola do Filho Pródigo (Lucas, 15:11-21), que conta a história de certo homem que tinha dois filhos. O mais novo pediu-lhe a sua parte na herança e ganhou o mundo, vivendo dissolutamente. E após ter gastado tudo quanto tinha, procurou meios para sobreviver, cuidando de porcos em uma fazenda. Lembrando que o pai tudo tinha e que seus empregados tinham uma vida muito melhor do que vivera no momento, comendo bolotas que eram servidas aos porcos, pensou: vou voltar para o meu pai e o direi:

Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores. E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou. E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho.

Jesus Cristo se utilizava de parábolas como recurso para fazer com os que ouvissem seus ensinamentos compreendessem a sua mensagem: Que os que se desviam de seu caminho sofrem grandes consequências pelas suas escolhas.

O narrador alerta sobre o perigo que há nas coisas do mundo:

Ca o mûdo he luguar de culpa e de trespasamêto dos mândados de Deus e loguar do esterro e de peregrinaçõ e de door e de choro e de trabalho e de fadigamêto e de cansaço e de espanto e de cõfusom e de escorregamêto e de tresmudamêto e de passamêto e de corrupçõ e de torvaçom e de força e de prema e de êgano. Enno mûdo nõ descer outra cousa se nõ vaydade e malicia e presa e defalicimêto. O mûdo a muytos êpeece e a poucos aproveita. (MALLER, 1956, p. 118).

Sobre isso, a própria Palavra de Deus adverte: “Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?”. (MARCOS, 8:36).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A misoginia presente no texto *Orto do Esposo* possui uma roupagem persuasiva por meio dos *exempla* citados pelo monge anônimo. A fim de validar seus argumentos, o narrador também se apropriou de versículos bíblicos e de nomes influentes, resultando em mais um recurso retórico para suas pregações. Toda a retórica construída possuía caráter doutrinário, ao passo que traziam ensinamentos e conselhos para uma vida de castidade e temor a Deus.

Os estudos relacionados à formação dos papéis sociais de gênero confirmam a longevidade da dicotomia dominação masculina *versus* sujeição feminina. Tal relação inside no papel destinado à mulher nas sociedades patriarcais instituídas ao longo dos séculos.

A análise das narrativas exemplares do *Orto do Esposo* confirma, de forma reiterada, não o agir e o pensar da mulher, mas a doutrinação ideológica, como ela é entendida segundo um ponto de vista estritamente masculino. Sendo esse tipo de representação da mulher anterior a sua descrição ou narração, ou seja, anterior ao próprio sujeito, torna-se necessário considerar o filtro masculino na configuração da feminilidade. Desta forma, a demonização da mulher representa, para a cultura medieval, com reflexos em toda a cultura ocidental até os tempos atuais, uma ferramenta de convencimento e alerta aos perigos da concupiscência dos desejos carniais, tendo como principal objetivo responsabilizá-la pelos pecados do mundo, primeiramente através da figura da primogênita Eva e, por fim, a todas as mulheres.

A construção do discurso misógino no *Orto do Esposo* repousa sobre uma imagem da mulher construída por uma visão masculina extremamente negativa, pertinente ao final da Idade Média, mas que pode ser remetido a um outro contexto. A elaboração de discursos altamente misóginos se alia ao pavor do sexo vivenciado por homens a quem se pregava os valores da castidade e do celibato. Sendo descrita com traços grosseiros que demonstram seu caráter maléfico e corruptor, devendo os homens dela se afastar se quiserem permanecer com seu espírito intocado, a mulher passa a ser um produto ideológico a serviço de um mundo falocêntrico, passando a ser visão ideológica não apenas construída e naturalizada ou tornada natural, por meio de um respaldo pretensamente biológico, que as instituições cristãs se utilizam para relacionar a mulher, responsável pela expiação das misérias dos homens, ao Demônio, o grande agente corruptor, do qual a mulher se torna um mero instrumento.

O texto medieval doutrinário em português arcaico *Orto do Esposo* é uma narrativa com um teor de denúncias contra as artimanhas femininas. Utilizou-se de poderosos formadores de

opinião, como Agostinho, cujas ideias contribuíram decisivamente para a formação de um juízo negativo ao extremo da mulher. Mesmo no que poderia salvá-la de sua suposta “culpa”, a maternidade, os clérigos viam perigos, pois era ela a responsável pela educação do rebanho católico e, sendo idólatra, poderia deturpar os ensinamentos sagrados. Os discursos misóginos veiculados nesses textos tendem a crescer substancialmente nos séculos seguintes, culminando na perseguição às bruxas e no castigo imposta a elas pela condenação à morte na fogueira. O público leigo também acabaria sendo influenciado pelo discurso misógino. Aliar-se ao diabo passa a significar a condição natural da mulher.

Assim sendo, ela se torna involuntariamente um poderoso instrumento de controle, pois qualquer cristão, sacerdote ou não, poderia tornar-se uma vítima dela, devendo manter-se dentro da fé e da moral para evitar a tentação do Mal.

RÉSUMÉ:

Ce travail a pour objectif d'analyser la représentation des femmes dans les récits exemplaires de *Orto do Esposo*, dans le cadre d'une construction idéologique médiévale associant le démon au féminin. Ce processus de diabolisation des femmes a un lien sans équivoque avec la première d'entre elles, Eve, coupable du châtement imposé à l'humanité. L'analyse passe donc par l'exégèse biblique, à partir de la Genèse, y compris les textes apocryphes sur Lilith, à la suite des hypothèses de Koltuv (1986). Il aborde les discussions sur le rôle de la femme en tant que procréatrice, entendue comme fonction sociale première, conditionnant ainsi l'existence des femmes uniquement au processus de reproduction de l'espèce et du travail domestique, délimitant ainsi les rôles de genre. Il cherche également à analyser la rhétorique de la persuasion et de l'endoctrinement contenue dans le texte, afin de persuader le lecteur et de valider les arguments du narrateur. Comme support théorique, les idées des auteurs suivants ont été utilisées: Carlo Ginzburg (1987), Agostinho de Hipona (2017), Séléne Ribeiro Kepler (1994), Barbara Black Koltuv (1986).

Mots-clés: femme - diabolisation - questions de genre

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Primária:

MALLER, Bertil. *Orto do Esposo*. Ed. Crítica, introdução, anotações e glossário. Rio de Janeiro: INL, 1956. 2 vols.

Secundárias:

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira Almeida. Edição revista e corrigida, 4ª edição. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 2009. p. 12, (Gn. 9:7).

CRUZ TERRA SANTA. *Santos e Ícones católicos*. História de São Jerônimo. Disponível em: <<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-jeronimo/144/102/>>. Acesso em 12/11/2018.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. Tradução Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HIPONA, Agostinho de. *Confissões*. Tradução Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

INFOESCOLA. *Sigmund Freud*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/psicanalise/sigmund-freud/>>. Acesso em 22/11/2018.

KEPLER, Selene Ribeiro. *Desejo de Mulher – Investigação do percurso da histeria ao feminino na direção da cura em psicanálise*. Petrópolis: Vozes, 1994.

KOLTUV, Barbara Black, Ph.D. *O Livro de Lilith - Psicologia /Mitologia*. São Paulo: Cultrix, 1986.

MARTINS, Mário. *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa*. Amadora – Portugal: Venda Nova. 1979.

MUNDO VESTIBULAR. *Mulheres na antiguidade*. Disponível em: <<https://www.mundovestibular.com.br/articles/475/1/MULHERES-NA-ANTIGUIDADE/Paacutegina1.html>>. Acesso em 15/11/2018.

NEW ADVENT. *Jean Clopinel de Meun*. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/10250a.htm>>. Acesso em 17/11/2018.

THE KABALLAH CENTRE. *O Zohar*. Disponível em: <<http://pt.kabbalah.com/content/o-zohar>>. Acesso em: 23/11/2018.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. *Evas e Marias*. Departamento de Ciências Humanas – Campus V – Universidade do Estado da Bahia UNEB / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal da Bahia UFBA.

SUA PESQUISA. *Santo Agostinho*. Disponível em: <https://m.suapesquisa.com/biografias/santo_agostinho.htm>. Acesso em 13/11/2018.

WIKIPEDIA. *Exemplum*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Exemplum>> Acesso em 15/11/2018.

_____ *Jean de Meun*. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean_de_Meung> Acesso em 16/11/2018.

_____ *Teofrasto*. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Teofrasto>> Acesso em 15/11/2018.